

MORANA, Mabel; DUSSEL, Enrique;
JÁUREGUI, Carlos A. (editors).
*Coloniality at large: Latin America and the
postcolonial debate.* Durham & London: Duke
University Press, 2008: 628 p.

Josias de Paula Jr.¹

Coloniality at large é, sem sombra de dúvida, umas das edições mais importantes do atual debate sobre pós-colonialidade e América Latina', O livro compreende um total de 23 ensaios, os quais conformam um amplo leque temático que é abordado de forma multidisciplinar - implicada nas diversas formações acadêmicas dos autores – e sob enfoques ideológicos plurais.

É interessante notar o esforço da obra em conjugar/confrontar temas pós-coloniais com abordagens mais clássicas dos estudos latino-americanos, tais como a teoria da modernização e a noção de dependência. Tal atitude teórica ganha relevância uma vez que um dos objetivos perseguidos pelas intervenções é assinalar o caráter diferencial entre o processo de colonização latino-americano e seus congêneres posteriores, ocorridos nos séculos XIX e XX. Com vistas a assinalar tal diferença, é ressaltado que no impulso colonizador europeu da América (vale lembrar: o mais antigo sistema colonial do Ocidente) foi reavivada a noção de Guerra Santa (característica da retórica das Cruzadas) e embutida a pressuposição de que o colonizado constituía-se numa página em branco, uma tábula rasa na qual deveria ser inscrito o conjunto de valores e ideais da civilização Ocidental.

¹ autor é professor assistente do Departamento de Ciências Sociais da UFRPE.

² Cf. também a excelente compilação *La Conia!idad de! saber: eurocentrismo y ciencias sociales - perspectivas latinoamericanas*. Edgardo Lander, org. Buenos Aires: CLACSO, 1993.

O processo de expansão marítima europeia, iniciado no final do século XV, cujo efeito decisivo foi a colonização do continente americano, assinala o marco inaugural daquilo a que se convencionou chamar de "modernização Ocidental". As noções de Modernidade e de Ocidente configuraram (e ainda configuram) uma teia discursiva estruturadora de uma visão de mundo eurocêntrica, que impunha uma concepção desigual, classificatória e hierárquica sobre as culturas, os povos e seus saberes. A crítica a tais noções é um dos eixos fundamentais da desconstrução da "colonialidade do saber", isto é, das marcas colonialistas, eurocêntricas e discriminatórias que impregnam comumente a teoria e a prática convencional; e que constitui, por fim, um dos elementos centrais dos estudos pós-coloniais.

Podemos encontrar no livro duas vertentes fundamentais. A primeira delas visa dar conta de desvendar as estratégias imperiais utilizadas no território americano desde os albores da invasão colonizadora: para esta tarefa é mobilizado um enfoque crítico que se desdobra em duas frentes, a primeira - que trata de analisar as fontes históricas, as narrativas tradicionais etc. - e outra, estritamente vinculada àquela - a desconstrução do que poderíamos chamar de lógica colonial, a qual requer o destrinçar de dois conceitos basilares: o de "modernidade" e o de "ocidentalismo".

As primeiras partes da obra constituem-se de textos comprometidos com o primeiro viés dessa primeira vertente - a crítica à expansão e consolidação colonial no continente. Podem-se sublinhar aqui as reflexões de Sara Castro-Klaren, *Posting Letters: Writing in the Andes and the Paradoxes of the Postcolonial Debate*; de Gordon Brotherston, *America and the Colonizer Question: Two Formative Statements from Early Mexico*; e a de José Rabasa, *Thinking Europe in Indian Categories, or, "Tell Me the Story of How I Conquered You"*.

Brotherston exemplifica outro importante tópico envolvido nos debates sobre o tema: a controvérsia que cerca o conceito de pós-colonial. Muitos autores consideram que o prefixo *pós-* sugere uma concepção de superação de etapas históricas, levando a conclusões equivocadas como, por exemplo, de que viveríamos em um mundo sem a presença de mecanismos coloniais. Em geral, tende-se a supor que a experiência colonial fora suprimida

³ Mais à frente serão identificados a crítica pós-colonial a certa definição de modernidade e os conceitos alternativos que são propostos.

com a conquista da independência política dos países outrora colonizados. Brotherston inicia seu ensaio afirmando: "Postcolonial defines itself first of all in time, putting the colonizer into the past" *iColoniality at Large*, p. 23⁴. Ele chama nossa atenção para o fato de que o termo "pós-colonial" foi identificado, após a Segunda Guerra Mundial, com a reabilitação dos "direitos dos colonos". Pensado sob esta perspectiva, o termo não seria apropriado para a realidade americana.

O segundo viés da primeira vertente – o desmonte da lógica colonial – encontra-se, sobretudo, na parte III do livro, intitulada *Occidentalism, Globalization, and the Geopolitics of Knowledge*. Esta pode ser classificada como a seção mais "teórica" da obra, melhor dizendo, aquela em que se avança de maneira mais direta em discussões conceituais e epistemológicas basilares.

Nesta terceira parte podem-se destacar os trabalhos de Aníbal Quijano, *Coloniality of Power; Eurocentrism, and the Social Classification*; de Eduardo Mendieta, *Remapping Latin American Studies: Postcolonialism, Subaltern Studies, Post-Occidentalism, and Globalization Theory*; e de Walter D. Mignolo, *The Geopolitics of Knowledge and the Colonial Difference*.

A contribuição de Mignolo talvez possa ser indicada como a expressão da maior capacidade de condensação, de síntese dos conceitos e tópicos axiais abarcados na reflexão teórico-epistemológica dos estudos pós-coloniais. Seu artigo conecta, a partir de aproximações e diferenciações, confrontos e sobreposições, autores e termos que representam o que há de mais original e significativo na elaboração do campo de investigação do fenômeno da colonialidade. Mignolo estabelece uma série de contraposições que findam por explicitar de modo transparente a crítica a clássicas noções como "modernidade" e "Ocidente". Duas oposições fundamentais são "modernidade *versus* noção de transmodernidade e sistema-mundo" e "ocidentalismo *versus* geopolítica do conhecimento".

⁴ "O pós-colonial define-se primeiramente no tempo, pondo o colonizador no passado".

⁵ Cf. entre outros, os trabalhos seminais de Ferdinand Braudel, *Civilização material, economia e capitalismo: o jogo das trocas*. v. 2. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009; Immanuel Wallerstein, *The Modern World-System*. 3 vols. San Diego: Academic Press, 1974-1989. Pode-se afirmar que Braudel oferece o lastro de concepção histórica, mediante a noção de *longue durée*, que será desenvolvido por Wallerstein e desdobrado no conceito de sistema-mundo.

O ponto básico é a compreensão de que - como não costuma ser considerado por teorias de matiz europeu - a expansão colonial inicia, efetivamente, a modernidade histórica. Sendo assim, a modernidade emerge como algo coextensivo ao capitalismo, ambos figurando como realidades conjugadas. Por consequência, firma-se o entendimento de que a modernidade e o capitalismo são fenômenos irmanados com o colonialismo. Mas, há uma percepção ainda em voga que tende a situar o nascimento da modernidade no final de século XVIII, empurrando a expansão ibérica para o período medieval, a "Idade das trevas". O fato colonial, a colonialidade das relações, fica assinalado num segundo plano, ganhando proeminência a construção europeia da modernidade, o início de um progresso renovado da civilização ocidental, a qual tem suas origens radicadas na cultura greco-romana. Tal concepção histórica é equivocada e deve ser combatida. Assim se expressa o autor:

In this scenario, if modernity comes first, then colonialism and coloniality become invisible. Quijano and Dussel make it possible not only to conceive of the modern/colonial world-system as a sociohistorical structure coincident with the expansion of capitalism but also to conceive of coloniality and the colonial difference as loci of enunciation. This is precisely what I mean by the geopolitics of knowledge and the colonial difference. (Ibidem: 229)⁶.

A categoria "sistema-mundo" dá conta desse vínculo entre modernidade e capitalismo. Aprofundando tal vínculo e enriquecendo-o com o exame de seu amálgama com o colonialismo, destacam-se as reflexões do pensador peruano Aníbal Quijano - referência já obrigatória nas pesquisas sobre a temática. Outra categoria importante é "transmodernidade", desenvolvida particularmente por Enrique Dussel. Dussel enfatiza a

⁶ "Nesse cenário, se a modernidade vem antes, então o colonialismo e a colonialidade se tornam invisíveis. Quijano e Dussel tornam possível conceber não apenas o sistema-mundo colonial/moderno como uma estrutura sócio-histórica coincidente com a expansão do capitalismo, mas também conceber a colonialidade e a diferença colonial como um *locus* de enunciação. Isso é precisamente o que eu entendo por geopolítica do conhecimento e por diferença colonial."

modernidade como acontecimento não apenas europeu, mas planetário, para o qual concorreram com significativas contribuições os "bárbaros excluídos", apesar de suas contribuições não serem reconhecidas. É neste contexto que se evidencia o caráter eurocêntrico da tradicional percepção da modernidade, a qual acomoda o Ocidente como "locus de enunciação" privilegiado, hierarquizando raças, visões de mundo, culturas e saberes. Pontifica-se uma geopolítica do conhecimento estritamente relacionada com a colonialidade do saber e do poder.

A segunda vertente é aquela que foca o registro e a interpretação do conjunto de práticas culturais, sociais e políticas de resistência aos poderes imperiais, às injunções coloniais. Tais práticas atravessam os séculos de enfretamento que caracterizam a história latino-americana. A resistência também se rebate, certamente, no campo intelectual e acadêmico.

A parte IV reúne intervenções que se enquadram nesse último exemplo de resistência e conta com os artigos de Enrique Dussel, *Philosophy of Liberation, the Postmodern Debate, and Latin American Studies*; do cientista social brasileiro, radicado na França, Michel Löwy, *The Historical Meaning of Christianity of Liberation in Latin America*; e de Nelson Maldonado-Torres, *Secularism and Religion in the Modern/Colonial World-System: from Secular Postcoloniality to Postsecular Transmodernity*. Dussel, outra referência obrigatória nos estudos pós-coloniais e já comentado acima, discorre sobre as relações e tensões entre as pesquisas latino-americanas e o debate atual em tomo do pós-moderno, sustentando o acerto e a radicalidade da "filosofia da liberação", desdobramento teórico central em seu trabalho. Assevera o autor, numa passagem que ilumina a relação entre a construção teórica pós-colonial latino-americana e a filosofia pós-moderna:

[...] the philosophy of liberation is itself a postmodern thought *avant la lettre*, a truly transmodern movement that appreciates postmodern criticism but is able to deconstruct it from a global peripheral perspective in order to reconstruct it according to the concrete demands of subaltern groups (Ibidem: 347)⁷.

⁷ "A filosofia da liberação é em si um movimento pós-moderno *avant la lettre*, um movimento verdadeiramente transmoderno que aprecia a crítica pós-moderna, mas que é capaz de desconstruí-la a partir de uma perspectiva periférica global, a fim de reconstruí-la de acordo com demandas políticas concretas de grupos subalternos".

A parte VI, última do livro, traz os ensaios onde pontificam o escrutínio das experiências concretas de resistência, referenciando empiricamente, por meio das análises de movimentos e atores políticos do subcontinente, a contestação descolonial que acima fora trabalhada com um recorte mais teórico. Destaquem-se os artigos de Catherine E. Walsh, *(Post)Coloniality in Ecuador: The Indigenous Movement's Practices and Politics of (Re) Signification and Decolonization*, e o de Arturo Arias, *The Maya Movement: Postcolonialism and Cultural Agency*.

Indubitavelmente, a construção teórico-discursiva acerca do pós-colonial, a crítica à colonialidade do poder e do saber, a desconstrução das noções de modernidade e Ocidente empreendidas por autores asiáticos, indianos, africanos e latino-americanos é um dos veios mais significativos de reflexão crítica contemporânea. De modo cada vez mais acurado, expõe-se a que ponto a mediação geopolítica infiltra-se na elaboração categorial e conceitual. Valendo-se dos avanços estratégicos alcançados pela filosofia europeia no século passado, os quais desembocam no pós-moderno, a teoria latino-americana atual o atravessa e o ultrapassa, deslindando aqui, ali e acolá os limites das críticas eurocêntricas ao capitalismo e à modernidade.

A riqueza desta compilação não se deixa traduzir nos limites de uma resenha; não apenas por sua extensão (são 628 páginas), mas, sobretudo pela diversidade de enfoques e perspectivas. Resta a esperança de que tal introdução seja efetivamente um convite à leitura. Por fim, convém dizer que o trabalho ora resenhado compõe a série *Latin America Otherwise: languages, empires, nations*, que tem a coordenação de Walter D. Mignolo (Duke University), Irene Silverblatt (Duke University) e Sonia E. E. Saldívar-Hull (University of Texas). *Coloniality at large*, portanto, constitui-se em um dos mais vigorosos panoramas do estado da arte deste que é um dos campos de estudo que mais cresce no âmbito acadêmico: as teorias e a condição pós-colonial.

NORMAS PARA A APRESENTAÇÃO DE COLABORAÇÕES

A revista Estudos de Sociologia publica artigos, resenhas de livros e entrevistas que tragam contribuições originais para as diversas áreas temáticas dessa disciplina.

Os artigos e resenhas devem ser apresentados em 2 (duas) vias, em formato A4, com margens de 3 cm, texto digitado com espaço duplo (resumos, notas e referências com espaço simples), fonte *Times New Roman* 12, alinhamento justificado e parágrafo com indentação de 1,25 cm. Os artigos não devem ultrapassar 25 laudas e as resenhas não devem ultrapassar 6 laudas.

Cada artigo deve ser acompanhado: a) de um resumo (em português e inglês), não ultrapassando 200 palavras, seguido de relação de palavras-chave (em português e inglês), com inicial maiúscula e separadas entre si por ponto; b) de dados sobre o autor (instituição, cargo, qualificação acadêmica, áreas de interesse, últimas publicações, endereços postal e eletrônico, telefone/fax).

Os autores cujos textos forem aprovados para publicação entregarão seu trabalho em formato eletrônico, Quadros, mapas, tabelas etc. em arquivo separado, com indicações claras, ao longo do texto, dos locais em que devem ser incluídos.

As citações diretas de até 3 linhas devem estar contidas entre aspas e as citações diretas com mais de três linhas devem ser destacadas do parágrafo, com recuo de 4 cm da margem esquerda, fonte tamanho 1 e sem aspas. As supressões devem ser indicadas por [00] e as interpolações, acréscimos e comentários devem ser colocados entre colchetes. A indicação de citação será feita pelo sistema autor-data. Se houver grifo, deve-se indicar a autoria (grifo nosso / grifo do autor).

Exemplos:

a) **um autor:** Weber (1971), Weber (1971, p. 72), Weber (1971, p. 85, grifo nosso);

Obs.: quando colocadas entre parênteses, as chamadas pelo sobrenome do autor devem estar em letras maiúsculas. (WEBER, 1999), (WEBER, 1999, v. 1, p. 72-73);

b) **dois autores:** Laclau e Mouffe (1985);

Obs.: quando colocadas entre parênteses, os sobrenomes dos autores devem estar separados por ponto-e-vírgula. (LACLAU; MOUFFE, 1985, p. 35);

c) **um autor e várias obras:** (DREYFUSS, 1989, 1991, 1995);

d) **diversas obras de diferentes autores:** (BASTOS, 1979; CASTRO, 1976);

e) **citação de citação:** Schiller (1964 apud ARAÚJO, 1986, p. 175), (SCHILLER, 1964 apud ARAÚJO, 1986, p. 175).

Obs.: Quando existir coincidência de sobrenomes de autores, acrescentam-se as iniciais do prenome; se ainda assim houver coincidência, os prenomes são

colocados por extenso. Se houver mais de um título do mesmo autor no mesmo ano, eles são diferenciados pelo acréscimo de letras minúsculas, em ordem alfabética, após a data.

As referências bibliográficas entram no final do artigo, em ordem alfabética, digitadas em espaço simples e separadas entre si por um espaço duplo e alinhadas apenas a esquerda. Seguem algumas orientações básicas:

Livro: SOBRENOME, Prenome (iniciais ou por extenso). Ano de publicação. *Título da obra em itálico*: subtítulo. Indicação do tradutor, prefaciador, introdutor (informação opcional). Número da edição (se não for a primeira). Local de Publicação: Editor. Número de páginas ou volume (opcional). (Série ou coleção, entre parênteses). Quando houver mais de um autor, separá-los com ponto-e-vírgula.

Exemplo: VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. 2000. *Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. 2. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra.

Parte de livro: AUTOR da parte. Ano de publicação. Título da parte. Termo In: Autor da obra. *Título da obra*. Número da edição. Local de Publicação: Editor. volume (se houver), páginas inicial-final da parte.

Exemplo: KONDER, Leandro. 2000. História dos intelectuais nos anos 50. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 3. ed. São Paulo: Contexto. p. 355-374.

Dissertações e teses: AUTOR. Ano de apresentação. *Título*: subtítulo. Categoria (Grau e área de concentração) - Instituição, local.

Exemplo: GOMES JÚNIOR, Guilherme S. 1996. *Palavra peregrina: idéias barrocas e o pensamento sobre artes e letras no Brasil*. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Artigo de revista: AUTOR do artigo. Ano. Título do artigo. *Título da Revista*, Local de publicação, volume, fascículo, páginas inicial-final, período.

Exemplo: CHIAPPINI, Lígia. 1995. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 153-159.